

ONDE LITERATURA E MEMÓRIA SE ENCONTRAM: PARA UMA ABORDAGEM SISTEMÁTICA DOS CONCEITOS DE MEMÓRIA USADOS EM ESTUDOS LITERÁRIOS^I *

Astrid Erll
Ansgar Nünning

Tradução: Simone Garcia de Oliveira
Instituto Federal de Minas Gerais²
<https://orcid.org/0000-0003-1994-1591>
simone.garcia@ifmg.edu.br

Introdução: Conceitos de Memória em Estudos Literários

Desde que o sociólogo Maurice Halbwachs e o historiador da arte Aby Warburg publicaram seus trabalhos pioneiros sobre a importância dos quadros sociais e das representações midiáticas da memória cultural, demonstrando que a memória sempre possui um componente social e que deve ser compreendida como um fenômeno cultural, o interesse nas dimensões sociais, culturais e midiáticas da memória individual e coletiva aumentou significativamente, alcançando seu ponto mais alto na década precedente ao milênio. Poder-se-ia ir tão longe quanto Jan Assman que argumenta que um novo paradigma de *Kulturwissenschaft** poderia desenvolver-se perfeitamente em torno do conceito de memória cultural ou coletiva. A utilíssima enciclopédia sobre memória, editada por Nicolas Pethes e Jens Ruchatz (2001), e a abrangente série de oito volumes *Literature as Cultural Memory* (1997; 2000) parecem corroborar Assmann, evidenciando tanto a grande quantidade de pesquisas sobre memória individual e cultural, quanto sua orientação interdisciplinar.

Os estudos recentes de memória coletiva redirecionaram a atenção acadêmica para as dimensões sociais, culturais e políticas das “culturas da memória” (*Erinnerungskulturen*)*, reexaminando o relacionamento e as ligações entre o passado e o presente, e iluminando a multiplicidade de formas e funções das culturas da memória. Expressivamente intitulado *Acts of Memory: Cultural Recall in the*

1 Gostaríamos de agradecer a Sara Young, que traduziu uma versão anterior deste ensaio: Astrid Erll & Ansgar Nünning, “Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft: Ein Überblick”, *Literatur – Erinnerung – Identität: Theoriekonzeptionen und Fallstudien*, ed. Astrid Erll, Marion Gymnich & Ansgar Nünning. Trier: WVT, 2003, p. 4-27.

* Esta tradução parte dessa versão de Sara Young: “Where Literature and Memory Meet: Towards a Systematic Approach to the Concepts of Memory in Literary Studies.” *Literature, Literary History, and Cultural Memory*. REAL: Yearbook of Research in English and American Literature 21. Ed. Herbert Grabes. Tübingen: Narr, 2005, p. 265-98. Revisão: Duda Machado e Mônica Gama. (N.T)

2 Professora de Língua Inglesa no Instituto Federal de Minas Gerais, campus Ouro Preto. Mestre em Letras: Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Ouro Preto e doutoranda pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Present, um volume recente sobre o assunto serve para mostrar que a “memorização cultural” deve ser vista “como uma atividade acontecendo no presente, na qual o passado é continuamente modificado e redescrito, mesmo enquanto continua a moldar o futuro”: “A presença da memória do passado toma muitas formas e serve a muitos propósitos, variando de uma recordação consciente a uma reemergência irrefletida, de um anseio nostálgico pelo que foi perdido ao uso polêmico do passado para moldar o presente” (Bal, 1999, p. vii).

A compreensão cognitivista e construtivista da memória individual e cultural como uma atividade situada no presente e inserida na consciência atual que emergiu em estudos recente (Cf. Schmidt, 1991; Schacter, 1996), possui implicações e consequências de longo alcance para os estudos tanto da memória individual quanto das culturas da memória. Em primeiro lugar e, acima de tudo, enfatiza que a memória cultural de uma sociedade é sempre um reflexo de seus interesses, necessidades e níveis atuais de experiência. Estes últimos determinam tanto o modo como uma sociedade lida com o passado quanto as formas que uma dada cultura da memória assume, a qual está sujeita também à mudança histórica. Em segundo lugar, o uso do plural na expressão “memórias culturais” refere-se à hipótese central da investigação desenvolvida pelo *Centro de Pesquisa Colaborativa de Culturas da Memória (Sonderforschungsbereich Erinnerungskulturen)* em Giessen: i.e. que a noção de memória cultural (Cf. J. Assman, 1992) precisa ser radicalmente repensada na medida em que há diferentes tipos de memórias históricas, regionais, étnicas e nacionais. Em terceiro, o foco da investigação gira, portanto, em torno de uma moldura social e historicizada da recordação cultural explorando diferentes gêneros, *mídia*, instituições e lugares da memória (Nora, 1984; 1992), assim como as funções políticas que os atos de memória desempenham.

Porque a memória é feita de formas, narrativas e relações socialmente constituídas, mas também é passível de atos individuais de intervenção, a memória está sempre aberta à revisão e manipulação social. Isso a torna mais um exemplo de ficção que de registro, frequentemente mais de esquecimento social do que de recordação. A memória cultural pode ser localizada em textos literários, pois estes são contínuos aos impulsos comunitários de ficcionalização, idealização e monumentalização, que florescem em uma cultura em conflito. (Bal, 1999, p. XIII)

As últimas abordagens sobre a memória individual e cultural tenderam a enfatizar, não somente sua natureza construída socialmente, mas também seus aspectos ficcionais (ficcionalizantes). Em sua consideração seminal sobre a criação de um eu autobiográfico, Paul John Eakin, por exemplo, ilumina as maneiras complexas pelas quais nos lembramos e nos tornamos quem acreditamos ser por meio de estórias do eu que aprendemos a contar, às quais são baseadas tanto em modelos ficcionais e socialmente constituídos do eu e da identidade fornecidos pelas respectivas culturas em que vivemos, quanto em fatos. Eakin enfatiza a natureza construtiva da recordação autobiográfica e “o fato de que nosso sentido de identidade contínua é uma ficção, a ficção primordial de toda auto-narração” (Eakin, 1999, p.94). Em um exame mais cerrado, a noção de identidade contínua revela-se, portanto, nada mais que “uma ficção da memória” (Eakin, 1999, p.95): isto é, uma (re)construção imaginativa, resultante de uma interação sutil entre passado e presente, assim como entre literatura e memória.

As questões e objetivos do panorama que se segue sobre os conceitos de memória nos estudos literários são derivados de um paradoxo interessante. Os conceitos de memória são onipresentes nos estudos literários e, no entanto, quase não receberam nenhuma consideração teórica. Que abordagens estão disponíveis para aqueles que desejam trabalhar com o tópico da “memória” dentro da perspectiva dos estudos literários? Há de fato conceitos de memória específicos aos estudos literários ou ocupar-se da memória significa necessariamente abandonar a disciplina – rumo à psicologia cognitiva, etnologia ou história? O objetivo deste artigo é fornecer um panorama do espectro dos “conceitos da memória nos estudos literários”, que se estenda dos estudos literários em seu sentido mais estrito até abordagens fortemente influenciadas pelos estudos culturais e pela interdisciplinaridade. Tal panorama não pode, naturalmente, ter a pretensão de ser exaustivo, e é necessário enfatizar que hoje não se pode falar *da* abordagem dos estudos literários e sua área de interesse, nem *do* conceito de memória nos estudos literários. Em vez disso, estamos lidando aqui com numerosas áreas de pesquisa e conceitos de memória nitidamente divergentes (Cf. Erll; Nünning, 2005).

Apresentamos a seguir uma breve história de três conceitos básicos da memória nos estudos literários e de suas hipóteses básicas, métodos e perspectivas de pesquisa. Dentre a grande variedade de abordagens a propósito da relação entre literatura e memória, estas três foram escolhidas devido à sua influência nos discursos acadêmicos e a seu importante potencial para um desenvolvimento posterior:

I. A Memória da Literatura

Os três conceitos seguintes destacam a dimensão diacrônica da literatura. As obras literárias e suas formas estéticas são entendidas como sendo “recordadas” por autores, leitores e instituições; atribui-se à literatura até mesmo (metaforicamente) uma memória própria.

1) *Mnemônica intertextual como “a memória da literatura*. Este conceito refere-se à ideia de uma memória intra-literária no sentido de um *genitivus subjectivus*, como uma memória do sistema simbólico “literatura” que se manifesta em textos individuais. No interior das obras literárias existe uma memória de textos anteriores. Esta pesquisa sobre a “memória da literatura” intertextual estende-se desde os estudos dos *topoi* literários aos conceitos de intertextualidade pós-estruturalistas – e está sempre ligada aos conceitos da antiga tradição da mnemônica.

2) *Gêneros como repositórios da memória*. Dentro do complexo fenômeno de possíveis relações entre gênero e memória, deve-se distinguir entre vários níveis: a) “A memória dos gêneros literários” é um fenômeno de relações intertextuais e, portanto, uma expressão adicional de intertextualidade como “a memória da literatura”. O significado de “gêneros como repositórios da memória”, no entanto, vai muito além desta área tradicional de pesquisa em estudos literários; b) Em primeiro lugar, os *schemata*

de gênero são importantes para a recordação autobiográfica (“memórias como gênero”); c) Em segundo, os “gêneros da memória” (tais como romance histórico, livros de memórias ou biografia) têm um papel significativo na configuração da memória cultural.

3) *O cânone e a história literária como memória institucionalizada dos estudos literários e da sociedade*. Este conceito refere-se à ideia de uma memória intra-literária no sentido de um *genitivus objectivus*. Por meio da escrita da história literária e da formação de cânones, o campo dos estudos literários – e não apenas a literatura – está envolvido na criação e na manutenção da memória cultural. Através de pesquisas sobre a formação de cânones, a escrita da história literária e a consideração teórica de como a história literária é escrita, a disciplina observa e reflete sobre sua própria atividade.

II. Memória na Literatura, ou Mimesis da Memória

Um número considerável de novos estudos lida com a apresentação da memória em obras literárias. Baseiam-se, em primeiro lugar, na suposição de que a literatura mantém uma relação com os discursos contemporâneos de memória, e ilustra funções, processos e problemas da memória no *medium* da ficção por meio das formas estéticas. O conceito de “mimesis da memória” será usado aqui como um termo coletivo para todas as formas de representação da memória (individual e coletiva) em textos literários.

III. Literatura como um *medium* da memória coletiva

A pesquisa sobre o caráter midiático dos textos literários e suas funções na formação e transformação das memórias coletivas está apenas começando. No entanto, uma tal compreensão do papel que as obras literárias desempenham como *mídia* da memória em culturas históricas da memória contém um grande potencial para a aplicação interdisciplinar dos estudos literários ao novo “paradigma dos estudos culturais” que, segundo Jan Assmann, “está crescendo em torno do conceito de memória” (J. Assmann, 1992, p. 11).

I. A Memória da Literatura

I.1 Mnemônica Intertextual: Warburg, Yates, Curtius, Bloom e Lachmann

O conceito de uma “memória da literatura” como uma memória intra-literária que se manifesta em textos literários individuais está intimamente ligado à tradição mnemônica do mundo antigo e aos conceitos de retórica, que serão, portanto, brevemente apresentados aqui. O mito fundador do conceito de memória artificial nos é transmitido pelo *De Oratore*, de Cícero. É a história do poeta grego Simônides de Ceos (557-467 AC) que foi capaz de identificar os convidados de um banquete que tinham morrido como resultado de uma catástrofe, porque tinha previamente guardado na memória o lugar de cada um à mesa. A descoberta de que imagens espacialmente organizadas na imaginação podem servir de apoio à memória teria supostamente inspirado o poeta a inventar a arte da memória. O sistema mnemônico do mundo antigo funciona de acordo com o princípio de *loci et imagines*: na imaginação, vinculamos a uma sequência de lugares (*loci*) reais ou imaginados as imagens, de preferência, vívidas

e intensas (*imagines agentes*) que se referem às coisas que devem ser lembradas. Mais tarde pode-se caminhar por esses lugares dentro da mente e reunir cada imagem com aquilo que deve ser recordado. Deste modo, o processo é uma espécie de roteiro mental, que foi utilizado principalmente no mundo antigo para memorizar discursos. Por esta razão, a mnemônica da antiguidade nos foi transmitida exclusivamente em escritos sobre a retórica, como um dos cinco elementos de escrita do discurso: *inventio*, *dispositio*, *elocutio*, *memoria* e *actio*.

Nos últimos anos houve um aumento notável do interesse pela *ars memoriae* nos estudos literários, que se deve, por certo, em grande parte, à historiadora literária Frances Yates. Seu estudo *The Art of Memory* (1966) é uma historiografia da arte da memória desde a antiguidade até o início do período moderno. Yates argumenta que a arte, a organização do conhecimento e também os sistemas de pensamento da Idade Média e da Renascença recorrem, em grande medida, à mnemônica do mundo antigo. Seus comentários sobre a história da arte da memória desde a mnemônica do mundo antigo até a imaginação religiosa da Idade Média e aos sistemas mágico-herméticos da memória de Giulio Camillo, Bruno Giordano ou Robert Fludd no Renascimento e no início do período moderno deixam claro que a arte da memória era uma tradição bastante adaptável, que ainda estava muito viva e não era usada para fins meramente retóricos mas também na área do pensamento cristão, da organização cultural do conhecimento ou como meio de expressão artística³.

O entrelaçamento íntimo da literatura e de expressões históricas da *ars memoriae* está baseada no fato de que, em ambas práticas culturais, a invenção de imagens desempenha um papel importante: “A arte da memória foi criadora de uma imagística que certamente desembocou em obras criativas de arte e literatura” (Yates, 1966, 91). Assim como a arquitetura gótica ou as pinturas de Giotto ou Ticiano, as imagens impressionantes de *A Divina Comédia*, de Dante, por exemplo, podem ser entendidas também como a expressão de uma arte medieval da memória. Representam uma forma cristã da memória platônica (*anamnesis*) – do céu e do inferno, de vícios e virtudes – pelo uso de técnicas mnemônicas da antiguidade de combinar lugares a *imagines agentes*.

Nos escritos teóricos sobre a memória da literatura, diferentemente do estudo de Yates, o interesse na análise historicamente exata da relação entre a mnemônica do mundo antigo com a arte e a literatura é menor. Em seu lugar, as abordagens teóricas no campo da arte e da literatura utilizaram a *ars memoriae* como um modelo – amplamente interpretado e vinculado a vários outros conceitos para formar novas teorias – com o fim de poder descrever fenômenos tais como a recorrência e a transformação de formas estéticas. Quatro destas tentativas serão apresentadas aqui: o conceito de uma “memória social”, associada a Aby Warburg (que, em sentido estrito, deveria ser atribuído à disciplina vizinha da História da Arte, mas que, devido à sua importância fundamental para os estudos literários, precisa

³ Nas duas últimas décadas, particularmente, as áreas de estudos literários que estão intimamente ligadas à história e aos estudos culturais produziram um grande número de estudos sobre a arte da memória e a organização do conhecimento na Idade Média e no início do período moderno. Ver Friedrich Ohly (1984), “Bemerkungen eines Philologen zur Memoria”; Mary Carruthers (aquí também uma crítica das teorias de Yates), *The Book of Memory: A Study of Memory in Medieval Culture* (1990); *Ars memorativa: Zur kulturgeschichtlichen Bedeutung der Gedächtniskunst 1400-1750* (1993). Sobre o conceito retórico de *memoria*, ver Klaus Döckhorn, “‘Memoria’ in der Rhetorik (1964); sobre o desenvolvimento da arte da memória, ver Stefan Goldmann, “Statt Totenklage Gedächtnis: Zur Erfindung der Mnemotechnik durch Simonides von Keos” (1989).

absolutamente ser considerado aqui); a *Tópica* histórica de Ernst Robert Curtius; e, finalmente, as teorias de intertextualidade de Harold Bloom e Renate Lachmann. A recapitulação desses conceitos não irá somente delinear a história de quase um século inteiro de pesquisa, mas também cobrir todo o espectro de teorias fundamentais na arte e nos estudos literários – desde a história alemã das ideias e da hermenêutica até o pós-estruturalismo. O que conecta estas quatro abordagens (Warburg, Curtius, Bloom, Lachmann) entre si é o fato de retornarem explicitamente aos conceitos de memória do mundo antigo para descrever em termos teóricos, as continuidades e as mudanças em arte e literatura – isto é, uma memória da arte e da literatura.

O interesse de Aby Warburg (1979) concentrava-se na memória da arte, na readoção de detalhes vívidos em diferentes épocas e culturas⁴. Warburg observou um retorno de formas artísticas – por exemplo, motivos de afrescos clássicos em pinturas renascentistas de Botticelli e Ghirlandaio ou até mesmo em selos da década de 1920 – e em vez de interpretar a reutilização dessas formas como o resultado de uma apropriação consciente do mundo antigo por artistas de épocas posteriores, atribuiu-as, antes, ao poder dos símbolos culturais de ativar memórias. Uma importância especial é atribuída à chamada “*Pathosformeln*” (“*Fórmulas de pathos*”), uma espécie de *imagines agentes*. Os artistas do Renascimento, na tentativa de representar “superlativos” da expressão humana (por exemplo, o despertar apaixonado no gesto ou na fisionomia), regressaram ao simbolismo de modelos antigos. Segundo Warburg, uma intensidade emocional pagã encontrou expressão nestas fórmulas de *pathos*.

Para explicar o poder dos símbolos culturais de sobreviverem ao tempo, o historiador de arte recorreu à terminologia do psicólogo Richard Semon: *Pathosformeln*, disse Warburg, eram “engramas” ou “dianogramas” culturais que armazenam “energia mnêmica” que eles são capazes de descarregar mesmo sob circunstâncias históricas modificadas ou em locais distantes. O símbolo é um armazém de energia cultural. A arte e a cultura estão fundadas na memória dos símbolos. Desta maneira, Warburg desenvolveu uma teoria da memória coletiva de imagens a que chamou de “memória social”. Em meados da década de 1920, ele concebeu um projeto para uma exposição chamada *Mnemosyne* (Warburg, 2000)⁵, um atlas destinado a ilustrar a memória global de imagens, que atravessa as fronteiras cronológicas e espaciais de épocas e países. Ao reunir painéis aparentemente heterogêneos, o atlas apresenta um esboço de uma “comunidade de memória” que conecta Europa e Ásia.

A relevância deste conceito de memória social para os estudos literários resulta da ênfase dada por Warburg à repetição de motivos e estruturas em obras de arte. O conceito de Warburg é aplicável principalmente às teorias da literatura que entendem literatura e cultura como um processo contínuo de “dessemiotização e ressemiotização” (a desatribuição e reatribuição de significado a signos) (Lachmann, 1993). A memória da literatura está baseada em uma ressemiotização de signos, em um processo que recarrega elementos de antigos textos com significado. O fenômeno que Warburg observou e chamou de memória social é concebido nos estudos literários como “intertextualidade” em seu sentido mais amplo – como uma retomada de *topoi* tradicionais ou referências a textos individuais ou

4 Ver também: Ernst H. Gombrich, *Aby Warburg: An Intellectual Biography* (1970) e Roland Kany, *Mnemosyne als Programm: Geschichte, Erinnerung und die Andacht zum Umbedeutenden im Werk von Usener, Warburg und Benjamin* (1987).

5 Ver: *O Atlas de Imagens Mnemosyne*. (NT)

a um gênero.

Os membros do círculo de Warburg e o Instituto Warburg de Londres produziram importantes estudos histórico-literários que explicam os fenômenos e tradições literárias utilizando os conceitos da *ars memoriae*, embora de maneiras bem diferentes. Um exemplo é o estudo *The Art of Memory* de Frances Yates, já mencionado. Mais enraizado na teoria literária, é o conceito de *Tópica* histórica, desenvolvido pelo filólogo Ernst Robert Curtius em seu livro *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (1948). Curtius dedica seu livro a Aby Warburg e, assim, situa sua teoria e método da *Tópica* histórica dentro dos conceitos histórico-culturais da memória. Curtius vê a Europa como uma unidade histórica e intelectual: a literatura europeia “é coextensiva no tempo à cultura europeia, abarcando por conseguinte um período de aproximadamente vinte e seis séculos (considerando-se de Homero a Goethe)” (Curtius, 1990)⁶. De acordo com Curtius, um olhar sobre a literatura limitada a certas épocas e nações mostra que se perdem de vista aspectos importantes. Para demonstrar as continuidades e mudanças das formas literárias, ele concentra sua atenção nos *topoi*, ou seja, nos lugares comuns da teoria retórica clássica ou padrões estabelecidos de pensamento e expressão. Curtius inclui nessas categorias *topoi* retóricos, tais como o *topos* da modéstia, o *topos* do indizível ou o *topos* do “mundo às avessas”, e, em um sentido mais amplo, também as metáforas, tais como “o mundo como um palco”⁷. Curtius busca dois objetivos com seu conceito de *Tópica* histórica. Em primeiro lugar, está interessado em uma história de gêneros e formas, no “conhecimento da genética dos elementos formais da literatura” (Curtius, 1990, p.82). Em segundo lugar, é guiado por um interesse relacionado à “história das ideias” alemã, já que o estudo da recorrência de formas literárias de expressão contribui, segundo Curtius, para uma “compreensão da história psicológica do Ocidente” (Curtius, 1990, p.82).

A memória da literatura, tal como é vista pela *Tópica* histórica de Curtius, caracteriza-se pela base da *inventio* literária na *memoria*: a atividade artística é também sempre um ato de recordação, pois precisa recorrer a imagens e elementos tradicionais. A pesquisa de Curtius deixa claro também que a literatura tem uma dimensão diacrônica e transcultural. Assim como as *fórmulas do pathos* (*Pathosformen*) “armazenam” a energia da memória coletiva de imagens, a memória literária encontra expressão nos *topoi*.

As origens dos conceitos pós-estruturais de intertextualidade e de uma memória da literatura, tal como elaboradas por Harold Bloom e Renate Lachmann, podem ser rastreadas até a década de 1920 – até o conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin⁸. Julia Kristeva, seguindo os escritos de Bakhtin sobre “o discurso no romance”, cunhou o termo “intertextualidade” (Kristeva, 1972). Da perspectiva da teoria pós-estruturalista, a memória da literatura parece ser uma referência a pré-textos culturais que se manifestam em um nível intratextual, atualizando-os e transformando-os.

Em *A Angústia da Influência* (1973), Harold Bloom está interessado nas relações “intra-poéti-

6 Tradução brasileira: *Literatura Europeia e Idade Média Latina*. Trad. Paulo Rónai, Teodoro Cabral. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1996. (NT)

7 O conceito vago de *topos* de Curtius teve muita influência nos estudos literários, mas foi igualmente muito criticado. Peter Jehn, por exemplo, escreveu: “O *topos* curtiano [...] é um Proteu cuja identidade não é verdadeira, mas antes o falso resultado de equações ahistóricas de diferentes termos retóricos” (Jehn, 1972) Sobre a pesquisa em *topos*, ver *Topik: Beiträge zu einer interdisziplinären Diskussion* (Breuer; Schanze, 1981).

8 Para saber mais sobre o conceito de memória de Bakhtin, ver Rainer Grübel (1979), e Matías Martínez (1996).

cas” (Bloom, 1973, p. 5)⁹, também no sentido de um conceito dos estudos literários de uma memória da literatura. Tomando a poesia romântica inglesa como exemplo, ele mostra que a “angústia da influência” (usada por Bloom em um sentido freudiano: o medo que um jovem poeta – o *efebo* – mostra diante das obras de um “pai poeta” aparentemente todo-poderoso) é o que torna possível, acima de tudo, a produção literária: “A poesia é a angústia da influência” (Bloom, 1973, p. 95). Essa angústia da influência conduz a mecanismos literários de defesa, particularmente à desleitura (Bloom, 1975)¹⁰. Em “A Angústia da Influência” ele escreve: “Todo poema é uma interpretação equivocada de um poema paterno” (Bloom, 1973, p. 94). Bloom distingue entre as várias expressões de tais “relações revisionistas” (Bloom, 1973, p. 14) – formas de atualização e variação intertextual – de elementos da tradição literária que são reconhecíveis no texto como estratégias retóricas¹¹.

Em seu livro *Gedächtnis und Literatur* (1990) (*Memory and Literature*, na tradução inglesa de 1997), Renate Lachmann dá uma contribuição fundamental para o conceito pós-estruturalista de memória baseado nos conceitos de intertextualidade. A abordagem influente de Lachmann caracteriza-se pela equação consistente da memória com a categoria de intertextualidade: “A memória de um texto é sua intertextualidade” (Lachmann, 1997, p.15). Lachmann situa o fenômeno literário de intertextualidade em um quadro de referência estruturado pela teoria da memória. Com o conceito de “texto como memória”, ela se dedica a “interpretar a intertextualidade de textos concretos como um espaço mnemônico que se desdobra entre textos, e o espaço da memória dentro de textos concretos que é construído pelos intertextos neles registrados” (Lachmann, 1997, p.XXIV). Sobre a relação entre *ars memoriae* e literatura, Lachmann escreve: “Para a crítica literária, o problema crucial aqui é definir os modos pelos quais a *imaginatio* mnêmica e a imaginação poética interagem” (Lachmann, 1997, p.14). Os textos literários “constroem uma arquitetura da memória, na qual depositam imagens mnemônicas baseadas nos procedimentos de *ars memoriae*” (Lachmann, 1997, p.15). Deste modo, a literatura demonstra estar entrelaçada com a memória e cultura de diversas maneiras: é uma “arte mnemônica *par excellence*. A literatura fornece a memória para uma cultura e registra tal memória. É em si mesma um ato de memória. A literatura se inscreve em um espaço da memória feito de textos, e esboça um espaço da memória no qual os textos anteriores são gradativamente absorvidos e transformados” (Lachmann, 1997, p.15).

Os conceitos de uma memória da literatura aqui apresentados exibem importantes características comuns. Nos estudos literários, não somente é comum retomar termos e concepções da disciplina da retórica, mas este recurso também é geralmente associado a uma apropriação produtiva e a uma

9*Tradução brasileira: *Introdução à Semanálise* (São Paulo: Perspectiva, 1974). (NT)

Tradução brasileira: *A Angústia da Influência* (Rio de Janeiro: Imago, 1991). (NT)

10 *Um Mapa da Desleitura* (Rio de Janeiro: Imago, 1995). (NT)

11 Já em 1919, T.S. Eliot desenvolveu um conceito similar em seu ensaio “Tradição e Talento Individual”. Eliot argumenta que a verdadeira novidade e originalidade de um texto literário só pode ser o resultado de um debate com a tradição. De modo semelhante, cada “grande” nova obra literária exerce um efeito sobre a estrutura existente dos textos clássicos tradicionais ou canônicos: “Os monumentos existentes formam uma ordem ideal entre si, que é modificada pela introdução da nova (a verdadeiramente nova) obra de arte entre eles. A ordem existente está completa antes da chegada da nova obra; para que a ordem persista após a superveniência da novidade, toda a ordem existente deve ser, ainda que alguma vez bem levemente, alterada; e assim as relações, proporções, valores de cada obra de arte em direção ao todo são reajustadas, e esta é a conformidade entre o velho e o novo” (Eliot, 1975 [1919], p. 37-44).

mudança (muitas vezes profunda) nos ensinamentos históricos sobre a memória. Os estudos literários introduzem duas modificações importantes na *ars memoriae*. Em primeiro lugar, o processo abstrato de conectar *loci* e *imagines*, destinado à memória individual, ganha uma dimensão coletiva, midiática e diacrônica: as tradições literárias e suas mudanças são descritas com conceitos mnemônicos. Em segundo, as abordagens dos estudos literários concebem as cinco etapas da retórica clássica como um círculo. Na perspectiva dos estudos literários, *memoria* não se refere à simples memorização de algo que já existe, mas fornece, em vez disso, uma base para a criação de nova literatura. *Inventio*, *dispositio* e *elocutio* baseiam-se na *memoria*. Cada novo texto literário baseia-se em textos anteriores, padrões de gênero, formas literárias e *tropos* comuns à cultura.

Além disso, os estudos de Warburg, Curtius, Bloom e Lachmann mostram que o interesse pela memória no campo das artes e dos estudos literários está fortemente conectado às teorias contemporâneas predominantes da memória e de discursos do passado: enquanto Warburg explica suas observações usando a teoria do “engrama” do psicólogo Richard Semon e as concepções contemporâneas da memória involuntária, Curtius, em uma era de guerras mundiais, recorre à imagem conservadora de unidade e continuidade europeias. As teorias da intertextualidade de Bloom e Lachmann, finalmente, baseiam-se não somente em elementos das teorias pós-estruturalistas, mas também das psicanalíticas. Os conceitos de memória individual e coletiva, bem como o de memória orgânica e de construções midiáticas do passado, geralmente fluem de uma para a outra nas abordagens da arte e dos estudos literários¹².

1.2 Gêneros como Repositórios da Memória:

“A memória de gêneros literários” – “memórias como gênero” – “gêneros da memória”

Os gêneros – chamados por van Corp e Musarra-Schroeder (2000) de “repositórios da memória cultural” – são um exemplo paradigmático da variedade e complexidade das relações entre literatura e memória. Os gêneros podem ser entendidos como repositórios convencionalizados da memória de modos muito diferentes. Têm um papel tanto na memória individual e coletiva quanto na memória literária e cultural – e representam uma importante interface na conexão e no intercâmbio entre estes níveis diferentes. Pode-se distinguir, a grosso modo, três aspectos da relação de memória e gênero: no domínio da literatura, falamos de “memória *dos* gêneros literários” (como parte da “memória da literatura”), no domínio da recordação autobiográfica individual de “memórias como gênero”, e no domínio da construção-significação social e cultural de “gêneros da memória”.

a) A “memória dos gêneros literários”

O conceito da “memória dos gêneros literários” é uma outra ideia enraizada nos estudos literários. A existência de gêneros é um fenômeno da memória intra-literária, que se constitui por meio de relações intertextuais (Cf. Broich; Pfister, 1985). Os conceitos de gênero, portanto, que são enfocados

¹² Para uma concepção mais recente de intertextualidade que considera os estudos da memória, ver *Intertextualität in der Frühen Neuzeit*, ed. Wilhelm & Wolfgang Kühlmann Neuber (1994), e Oliver Scheiding (2003).

no nível da memória literária, estão intimamente relacionados às teorias do *topos* e da intertextualidade discutidas acima. Em particular, os gêneros fortemente convencionalizados são o resultado de processos fundamentais da memória, a saber, a repetição contínua e a atualização.

A estreita conexão entre o nível literário e o individual torna-se particularmente clara com o exemplo da memória dos gêneros: os gêneros literários e suas características formais estão intimamente relacionados às expectativas convencionalizadas (ou, para usar um termo da psicologia cognitiva: *schemata*). Os repertórios de formas específicas de determinados gêneros são elementos da memória coletiva e, como tais, pertencem ao saber comum das sociedades, que os indivíduos adquirem pela socialização e pela formação cultural. Baseado no fato de que os leitores estão familiarizados com as convenções de gênero (ou seja, concretizam coletivamente *schemata* compartilhados), eles supõem, ao ler um romance policial, por exemplo, que no fim do livro encontrarão a solução para o caso. As características de gêneros como elementos da memória literária e elementos da memória coletiva (compartilhada por autores e leitores), cristalizados em *schemata*, orientam as estratégias interpretativas e as expectativas ao longo de certos caminhos:

Para o leitor, os gêneros constituem conjuntos de expectativas que orientam o processo de leitura. Os repertórios dos gêneros podem ser considerados corpos de saber compartilhados que foram inferidos a partir de regularidades percebidas em textos literários individuais. Como conjuntos de normas dos quais leitores e escritores estão cientes, os gêneros cumprem um papel importante no processo de comunicação literária. (Wesseling, 1991, p. 18)

b) “Como nossas vidas se tornam histórias” (Eakin, 1999): Memórias como gênero.

As convenções de gênero não são apenas um elemento recuperável da memória (semântica) individual, pois também moldam o processo de recordação autobiográfica individual¹³. Desempenham um papel não apenas na recepção da literatura, mas são também um elemento inegável na (re)construção e interpretação de nossas próprias experiências de vida. Nossa memória autobiográfica é, assim, tanto um efeito das “memórias como gênero” quanto uma representação de eventos passados.

As memórias individuais dentro da moldura da memória autobiográfica estão fundadas em processos de “transformação simbólica” (Polkinghorne, 1998, p. 23). Os padrões narrativos exercem um papel especialmente importante neste processo, como Jerome Bruner enfatiza em seu ensaio seminal “A Construção Narrativa da Realidade”: “organizamos nossa experiência e nossa memória dos acontecimentos humanos principalmente na forma de narrativa.” (Bruner, 1991, p.4). Por meio de formas narrativas e padrões de gênero, experiências pré-narrativas e anteriormente sem forma são simbolizadas, organizadas e interpretadas, e assim se tornam memoráveis. Os gêneros são um elemento constitutivo de nossa memória. Eles “(re)formam” as memórias individuais e desempenham também um papel importante na construção e transmissão de experiências de vida dentro da moldura da memória comunicativa (Welzer, 2002).

As pesquisas recentes sobre a autobiografia voltam-se para o nexo entre memória individual e a

¹³ Para saber mais sobre a distinção entre diferentes sistemas de memória individual, ver Schacter, *Searching for Memory* (1996).

memória literária dos gêneros. Os trabalhos nesta área enfatizam que, embora a autobiografia seja um gênero paradigmático para a formação da experiência, ela não produz, de modo algum, uma imagem exata de uma vida passada. Ao contrário, ela representa uma construção retrospectiva textualizada, que extrai uma parcela significativa de seu sentido de sua forma narrativa (por exemplo, a estrutura do enredo e outras características constitutivas). Wagner-Egelhaaf mostra que a autobiografia como um gênero da memória literária representa não apenas uma conexão com a memória individual, mas também com a memória cultural ao escrever que

em primeiro lugar, o texto autobiográfico em si mesmo funciona como uma construção espacial de um padrão da memória, que conecta um conteúdo específico a uma topografia textual, tal como colocar fotografias dos pais na “entrada” de um texto; e, em segundo, o texto autobiográfico individual convoca as *imagines* armazenadas na memória cultural e, desta forma, a memória individual recorre à memória coletiva. (Wagner-Egelhaaf, 2000, p.14)

Os textos pertencentes ao gênero da autobiografia empregam formas que são típicas dos processos da memória; isto é, seus processos de representação são semelhantes às formas usadas para codificar a memória individual (tal como a mnemônica), e estão integrados na moldura da memória cultural, com seu repertório de *topoi*¹⁴ e, claro, de gêneros.

c) *Dando sentido à história: “Gêneros da memória”*

A memória cultural é gerada e transmitida pelos gêneros da memória. Compreender os processos históricos, conceber normas e valores compartilhados, estabelecer e manter conceitos da identidade coletiva – todas essas atividades de recordação cultural (histórica e culturalmente variáveis) estão ligadas a gêneros (igualmente mutáveis). Os estudos de historiografia do século XIX de Hayden White (1973, sobretudo) deixaram claro que a própria escolha do gênero é decisiva para a natureza da mensagem. White mostra que as estruturas de enredo do romance, da tragédia, da comédia e da sátira podem ser encontradas na historiografia europeia do século XIX e correlaciona, em acréscimo, esses padrões com implicações ideológicas (anarquistas, radicais, conservadoras e liberais).

Na área da literatura, o épico foi durante muito tempo o padrão central usado para focar a origem e a individualidade de comunidades culturais. No século XIX, o romance histórico tornou-se um gênero de memória dominante na Inglaterra e na Alemanha, ilustrou processos históricos e ajudou a formar conceitos de identidade nacional. Para a memória cultural francesa, os livros de memória nesta época, preenchem as funções de formação de identidade e transmissão de valores na França, como Nora mostrou. Nos romances ingleses de guerra da década de 1920, os padrões do gênero pastoral e os elementos de comédia assumiram a função de interpretar experiências coletivas traumáticas e de criar modelos de memória cultural (Erl, 2003). No final do século XX, as imagens e conceitos fragmentados de identidade, pós-modernos, assim como a compreensão da natureza construída de versões do passado encontraram expressão adequada no gênero da meta-

14 Ver Stefan Goldmann, “Topos und Erinnerung: Rahmenbedingungen der Autobiographie” (1994); Frauke Berndt, *Anamnesis: Studien zur Topik der Erinnerung in der erzählenden Literatur zwischen 1800 und 1900* (1999).

ficção historiográfica¹⁵.

Em pesquisas de gênero literário, os conceitos da memória são explicitamente tematizados principalmente quando o assunto trata de “gêneros literários específicos ligados à memória.” (Van Gorp; Musarra-Schroeder, 2000, p. iii). Mas não somente a (auto)biografia e o romance histórico são gêneros da memória. Por exemplo, as estruturas do *Bildungsroman* são modelos culturais que codificam experiências de vida. Relatos de viagem, com sua conexão específica de *loci* (por exemplo, as paragens de uma viagem por terras estrangeiras) e *imagines* (ideias de identidade nacional e cultural, por exemplo) apontam para características centrais do conceito de mnemônica (Seixo, 2000)¹⁶. Os padrões de gênero para romances de cavalaria e histórias de aventura fornecem uma forma para as mudanças que surgem como resultado do confronto com novas situações ou tarefas. Realidades e passados são formados e interpretados através de uma variedade de padrões de gênero familiares na cultura, que, em geral, se tornam disponíveis através do sistema literário.

Pode-se supor, entretanto, que, de modo particular, os gêneros fortemente convencionalizados são usados (consciente ou inconscientemente) como fórmulas familiares para dar uma forma significativa às experiências coletivas, que são difíceis de interpretar, ou para codificar valores e normas. Deste modo, a imagem que se descreve aqui dos gêneros como “repositórios” de diferentes níveis e sistemas da memória volta ao ponto de partida, pois o gênero, como uma parte da memória intra-literária (a memória dos gêneros literários) realiza-se efetivamente em tais casos e assume uma função na memória cultural como uma fórmula interpretativa já preenchida com o significado apropriado à cultura (gêneros da memória).

1.3 Cânone e História Literária como Memória Institucionalizada dos Estudos Literários e da Sociedade

Enquanto as teorias de intertextualidade e dos gêneros representam abordagens do campo de estudos literários com os quais uma memória do sistema simbólico “literatura” pode ser considerada, a pesquisa sobre cânones e a teoria da historiografia literária permite *insights* sobre o sistema social “literatura” (Schmidt, 2000). A formação de cânone e a história literária são mecanismos centrais e *mídia* com base nos quais a memória da literatura é mantida nas sociedades. Instituições como o campo dos estudos literários são necessárias para a escolha de um *corpus* de textos que devem lembrados dentro da amplitude de textos literários disponíveis, bem como para organizar estes textos e garantir que sejam transmitidos.

Além daqueles envolvidos nos estudos literários, são os representantes das áreas de estudos religiosos e de história antiga e moderna que lidam, principalmente, com os processos de formação de cânone como processos centrais na formação e manutenção de uma memória coletiva (Assmann; J.

15 Ver Linda Hutcheon, *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (1988) e Ansgar Nünning, *Von historischer Fiktion zu historiographischer Metafiktion* (1995). Para todos os exemplos citados aqui, os textos concretos e individuais em que esses gêneros encontraram expressão tornaram-se “meios da memória coletiva em culturas históricas da memória”.

*Tradução brasileira: *Poética do pós-modernismo* (Rio de Janeiro: Imago, 2002). (N.T)

16 A edição original é portuguesa: *A Viagem na Literatura*, coord. Maria Alzira Seixo (1997). (NT)

Assmann, 1987; J. Assmann, 2001; Grabes, 2001; Nünning, 2001). O cânone – um termo que se referia originalmente ao *corpus* de textos sagrados reconhecidos – tem uma relevância social e cultural de grande alcance. Incluídos nas funções que a historiografia literária e a formação do cânone podem exercer estão a criação de identidades coletivas, a legitimação de relações políticas e sociais, bem como a manutenção ou o enfraquecimento de sistemas de valores. As culturas empregam seus *corpus* de textos frequentemente usados (J. Assmann, 1988) para se descreverem, e, assim como os conceitos de identidade e as estruturas de valor das culturas mudam, seu cânone também muda. A memória do sistema social “literatura” é, portanto, cultural e historicamente variável.

O início da década de 1970 assistiu a uma crítica cada vez maior dos conceitos antiquados de cânone e de história no campo dos estudos literários. Na esteira da *Ideologiekritik* (crítica ideológica) e da pesquisa feminista, os critérios usados na formação de um cânone também foram considerados. Exigiu-se uma revisão do cânone que pudesse abrir o cânone intelectual e elitizado e que levasse também em conta os autores anteriormente marginalizados¹⁷. Seguindo o paradigma do pós-estruturalismo, exigiu-se, até mesmo, uma renúncia completa a qualquer tipo de formação canônica. Estes debates sobre o cânone que movimentaram a imprensa sob os nomes de “A Grande Controvérsia Canônica” (numa referência ao livro de William Casement, “The Great Canon Controversy”), ou “Guerras Culturais” (Jay, 1997) tiveram um efeito enorme, especialmente nos Estados Unidos.

No mundo de língua alemã, no contexto da “virada linguística” e da discussão sobre as possíveis representações de história (White, 1973), um conceito que surgiu da teoria da historiografia literária teve significativa influência, a saber: o cânone e as histórias literárias constituem a memória institucionalizada dos estudos literários e de uma sociedade. O interesse teórico da historiografia literária foi menos orientado para o processo histórico da própria literatura do que para o processo de seu entendimento, interpretação e representação através da historiografia literária. A partir de uma compreensão da “natureza construída de cada história literária” (Voßkamp, 1989), examinaram-se os critérios de seleção e mecanismos de construção desta forma de historiografia (Grabes, 1988; 1992; Nünning, 1996).

Embora o debate sobre o cânone e a reflexão teórica da historiografia literária sejam, no fim de contas, processos de formação de memória, tais como seleção, avaliação, e excisão (o que se deveria escolher para ser lembrado, o que se deveria esquecer?), há, contudo, raramente uma menção explícita à memória neste contexto. Um exemplo interessante e muito controvertido para o uso do termo memória em relação à formação de cânone está, no entanto, no livro *O Cânone Ocidental* de Harold Bloom (1994) – uma reação ao acalorado debate nos EUA sobre a revisão do cânone. Bloom não só discute de forma altamente seletiva as obras de vinte e seis autores (tais como Shakespeare, Goethe, Tolstoi e Proust), como também responde à crítica do cânone da “Escola do Ressentimento” com uma lista de leituras incluída em seu livro.

Bloom conscientemente retorna aos conceitos de mnemônica para explicar e apoiar a correção e a importância da formação do cânone e, assim, de uma memória de literatura. Enquanto nos estudos

¹⁷ Para saber mais sobre o cânone feminista, ver Margaret J. Ezell, *Writing Women's Literary History* (1993), e Ina Schabert, *Englische Literaturgeschichte: Eine neue Darstellung aus der Sicht der Geschlechterforschung* (1997).

culturais a importância do cânone para a memória cultural (religiosa, étnica e nacional) é enfatizada, Bloom, curiosamente, explica que o cânone desempenha um papel importante no nível da memória individual (de autor e leitor):

Uma vez que consideremos o Cânone como a relação de um escritor e de um leitor individual com o que foi preservado daquilo que foi escrito, e esqueçamos o cânone como uma lista de livros para determinados estudos, ele será considerado idêntico à Arte da Memória literária, sem o sentido religioso de cânone. (Bloom, 1994, p.17)¹⁸

O cânone, portanto, adquire a função de um sistema da memória (“o Cânone como um sistema da memória”). Assim como na mnemônica clássica, há também uma conexão entre *loci* e *imagines* da memória apoiada pelo cânone do leitor individual:

O que acredito ser a principal função pragmática do Cânone: a recordação e ordenação da leitura de toda uma vida. Os maiores autores assumem a função de “lugares” no teatro da memória do Cânone, e suas obras-primas ocupam a posição ocupada pelas “imagens” na arte da memória. Shakespeare e Hamlet, autor central e drama central, obrigam-nos a lembrar não somente o que acontece em Hamlet, como também, de modo mais crucial, o que acontece na literatura que a torna memorável e assim prolonga a vida do autor. (Bloom, 1994, p.37)

Os estudos literários criam e mantêm a memória cultural, como os debates sobre a revisão do cânone e a natureza construída da historiografia literária mostraram. Uma vez que a historiografia literária e a criação ou mudança dos cânones sempre pertenceram às tarefas centrais da disciplina, a memória institucionalizada da literatura é um fenômeno que – implicitamente, mas com um efeito duradouro – formou e ainda forma os estudos literários. Os mecanismos e as variadas funções sociais da referência do campo ao passado só chegaram à linha de frente nas últimas décadas. Como resultado, o campo dos estudos literários está, hoje em dia, cada vez mais interessado não só na criação de cânones e histórias literárias, mas também na reflexão crítica sobre tais processos de construção. O campo observa sua própria atividade – a produção e a transmissão da memória cultural – a partir de uma perspectiva histórico-cultural e teórica sobre a memória.

II. Memória na Literatura ou: Mimesis da Memória

Pode-se dizer que todas as abordagens discutidas até agora são baseadas em um conceito de uma “memória da literatura”, já que a teoria da intertextualidade e a história de gênero lidam, em grande parte, com processos intra-literários e pesquisas de cânone, e a teoria da historiografia literária lida com processos intra-sistêmicos. Em contraste, nos estudos sobre a representação literária da memória, a relação dialógica entre literatura e discursos extra-literários está mais no primeiro plano. Tais estudos partem da premissa de que a literatura se refere à realidade cultural extra-textual e a torna observável pela ficção. Baseiam-se, portanto, em modelos miméticos da relação entre memória e literatura.

O conceito de mimesis, no entanto, não se refere a um conceito ingênuo de mero reflexo, mas

¹⁸ Tradução brasileira: *O Cânone Ocidental: os livros e a escola do tempo* (2001). (NT)

antes a conceitos teóricos que dizem respeito à criação ativa de realidades (“poiesis”) por meio de textos literários, que, todavia, são simultaneamente caracterizados por uma referência à realidade extra-literária, como enfatizado unanimemente, se bem que com base em conceitos diferentes, por Ricoeur (1984), Iser (1991) e Link (1988)¹⁹. Ricoeur deixa claro que a criação de versões da realidade por meio de obras literárias reside em processos de transformação dinâmica – numa interação entre a “prefiguração” do texto, isto é, sua referência ao mundo extra-textual pré-existente (*mimesis* I), a “configuração” textual que cria um objeto fictício (*mimesis* II) e a “refiguração” pelo leitor (*mimesis* III). O processo literário aparece, portanto, como um processo ativo e construtivo, no qual os sistemas culturais de significado, os processos literários e as práticas de recepção estão igualmente envolvidos, e no qual a realidade não é apenas refletida, mas, antes, poeticamente criada (Ricoeur, 1984, p. 107) e, então, “iconicamente enriquecida” (Ricoeur, 1984, p. 127). A ordem simbólica da realidade extra-literária e os mundos criados dentro do *medium* da ficção entram numa relação mútua de influência e mudança. O “círculo da mimesis” de Ricoeur pode contribuir para uma diferenciação entre os diversos níveis da relação entre literatura e memória: em primeiro lugar, as obras literárias estão relacionadas a memórias extra-literárias; em segundo, representam o seu conteúdo e funcionamento no *medium* da ficção; e, em terceiro, podem ajudar a formar memórias individuais e culturas da memória²⁰.

A relação da literatura com discursos extra-literários da memória (*mimesis* I de Ricoeur) e as formas literárias específicas de representação da memória (*mimesis* II) têm sido uma área central de interesse nos estudos literários, pelo menos, desde Marcel Proust. *A la recherche du temps perdu* de Proust (1913) é um romance em que os conceitos de memória involuntária, a partir do início do século XX (por exemplo, o conceito do inconsciente, de Freud, e de *mémoire involontaire*, de Henri Bergson) são representados com meios especificamente literários (em particular, por meio de um ‘eu’ dominante que narra ou recorda). Um conjunto de estudos nos últimos anos foram dedicados à referência literária, aos discursos da memória e à representação da memória na ficção. Usando exemplos de diferentes épocas, gêneros e autores, passou a mostrar-se que a memória – individual e coletiva – desempenha um papel importante na literatura, temática e estruturalmente²¹.

A literatura pode virtualmente ser descrita como um modo de representar a memória individual. Os textos narrativos em particular demonstram formas que revelam uma afinidade especial com a memória. Desta maneira, não surpreende que a distinção narrativa entre um “eu” que experimenta e um “eu” que narra já esteja assentada em um conceito (amplamente implícito) de memória, a saber, no conceito de uma diferença entre a experiência pré-narrativa de um lado e, de outro, uma memória que forma o passado por meio da narrativa e, retrospectivamente, cria o significado. Portanto, o trabalho

19 Traduções brasileiras. Paul Ricoeur: *Tempo e Narrativa* (1994); Wolfgang Iser: *O Fictício e o Imaginário* (1996). (NT).

20 Sobre o conceito de mimesis em três passos como um modelo da relação entre literatura e cultura de memória em Astrid Erll (2003).

21 Os responsáveis por muitas outras publicações sobre a representação literária da memória individual e coletiva consideram os volumes da série como *Literature as Cultural Memory* (2000). Ver também *The Poetics of Memory* (1998); Martin Löschnigg, “The Prismatic Hues of Memory...”: Autobiographische Modellierung und die Rhetorik der Erinnerung in Dickens’ *David Copperfield*” (1999); Philipp Wolf, *Modernization and the Crisis of Memory: John Donne to Don DeLillo* (2002); Suzanne Nalbantian, *Memory in Literature: From Rousseau to Neuroscience* (2003); *Fictions of Memory*, (2003); *Literatur – Erinnerung – Identität* (2005).

com narradores em primeira pessoa é também sempre um trabalho com a representação literária da memória. Os diferentes processos utilizados para representar a consciência são um exemplo adicional da capacidade da literatura de representar a memória, pois podem trazer à luz processos conscientes e inconscientes de recordação individual através de privilégios especificamente ficcionais (Birke; Basse-ler, 2005).

Literatura e memória coletiva foram estreitamente entrelaçadas desde a *Ilíada* de Homero. Especialmente sob a luz do interesse crescente pelo tópico “culturas da memória” desde o final da década de 1980, temos cada vez mais publicações no campo dos estudos literários dedicadas à relação entre literatura e memória coletiva. A pré- formação de textos literários, a representação e a reflexão crítica sobre a referência da sociedade ao passado, a representação de intersecções entre memória individual e coletiva ou a negociação literária de memórias concorrentes pertencem todas ao espectro dos tópicos visados por uma abordagem dos estudos literários que é informada por teorias da memória.

Em *Erinnerungsräume* (1999), Aleida Assmann escreve sobre a memória cultural e as formas de sua representação literária, considerando, por exemplo, os dramas históricos de Shakespeare e sua representação da conexão entre memória e identidade pessoal, assim como a relação entre conceitos de história e nação – partindo da tese “de que os atores reais nestes dramas são as memórias” (Assmann, 1999, p.64)²².

Assmann descreve a mudança de um paradigma mnemônico espacialmente organizado da memória para um paradigma orientado pelo tempo, por volta de 1800, com os conceitos de *ars* e *vis*. Até o século XVIII, a retórica clássica influenciou fortemente a literatura. No período romântico, em contraste, com o “decrecente prestígio da mnemônica clássica” (Assmann, 1999, p.89), desenvolve-se um conceito de memória que não mais se dedica essencialmente ao armazenamento de informação, mas que, ao contrário, acentua o esquecimento e a construção da identidade individual através da referência seletiva e construtiva ao passado (*vis*). Assmann mostra como esta mudança e a competição entre os diferentes conceitos de memória podem ser ilustrados por um poema de Wordsworth. Finalmente, Assmann considera as formas de representação literária dos conceitos de memória por volta de 1900, usando um conto de E.M. Forster, no qual o peso do historicismo – “o peso do conhecimento e as bênçãos do esquecimento” (Assmann, 1999, p.128) – é representado por uma caixa extremamente pesada de livros que, no final, cai em um desfiladeiro.

Os textos literários são caracterizados por suas referências a outras versões do passado e aos conceitos de memória de outros sistemas simbólicos – psicologia, religião, história, sociologia, etc. – e por sua capacidade de ilustrar o conhecimento cultural por meios literários específicos (por exemplo, imagens verbais, formas semantizadas, ou com o uso de privilégios específicos de ficção, tais como a representação de mundos interiores). Com base em estudos sobre a “mimesis da memória”, pode-se mostrar como as representações literárias da memória existem em uma relação dinâmica e evoluem juntamente com os conceitos sociais da memória.

²² A obra foi traduzida para o inglês com o título de *Cultural Memory and Western Civilization – Functions, Media, Archives* (2011). (N.T.)

III. Literatura como um Medium da Memória Coletiva

Os estudos influentes feitos por Renate Lachmann, que hoje, em muitos círculos, representam metonimicamente o conceito de memória no campo dos estudos literários, ilustram um problema central de como esse campo lida com a memória. A literatura aparece em grande parte como um sistema fechado. Apesar de o conceito de Lachmann de memória cultural estar baseado na semiótica cultural, em *Memory and Literature* (1997), outros *mídia* culturais que não os textos literários, na verdade, nunca são mostrados. As questões sobre a relação da literatura com outros sistemas simbólicos, sobre os contextos históricos de atos literários da memória, ou sobre a função social das obras que aparecem como uma “câmara de ecos” (Barthes) do passado por meio de processos de intertextualidade estão em grande parte ocultas por abordagens que analisam a memória do sistema simbólico literário.

No entanto, a oportunidade para o campo dos estudos literários estabelecer uma conexão com os estudos histórico-culturais da memória depende precisamente da questão de onde os textos literários podem ser localizados na moldura dos processos coletivos de significação. Como a literatura funciona como um *medium* para a memória coletiva? Quais as funções que os textos literários desempenham em culturas da memória?

IV. Para os Estudos Literários de Culturas da Memória

Os três conceitos básicos de memória aqui nomeados pertencem às abordagens mais cuidadosamente desenvolvidas, mas há ainda outras relevantes para a memória que deveriam ser pelo menos mencionadas. Os estudos de metáfora, nos quais teorias e métodos dos estudos literários e conceitos de memória são entrelaçados (Weinrich, 1964; Assmann, 1991; Draaisma, 1999; Birke, 2005), edições e traduções literárias, que também representam processos de reconstrução e armazenamento de memória (D’Hulst; Milton, 2000); e, finalmente, as abordagens localizadas na fronteira entre literatura, ideologia e história que consideram as possibilidades e limites das obras literárias para criar memórias alternativas e transmitir experiências (Benjamin, 1977 [1955]; Pethes, 1999)²³.

Que contribuições os conceitos de memória aqui considerados podem trazer para o estabelecimento da pesquisa sobre a memória nos estudos literários, já que até agora mal tem sido considerada uma área de pesquisa independente? As abordagens bastante heterogêneas, que operam em diferentes configurações (desde conceitos pós-estruturalistas de intertextualidade a uma teoria histórico-cultural dos *mídia* e uma história das funções literárias) podem ser frutíferas para um desenvolvimento mais amplo do trabalho com a relação entre literatura e memória. No entanto, a referência às diferentes abordagens deveria incluir várias formas de interconexão e diálogo. Três desideratos para futuras pesquisas sobre a memória nos estudos literários devem ser, portanto, designados aqui na conclusão deste panorama:

1. Uma consideração dos conceitos tradicionais de memória (tais como *memoria* ou estudos de

²³ Tradução brasileira do ensaio de Walter Benjamin: “O narrador. Consideração sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras Escolhidas, volume I, Magia e Técnica. Arte e política*, São Paulo: Brasiliense, 1985. (NT)

topos) e sua conexão com os mais novos desenvolvimentos nos estudos literários: objetivos e métodos de um Novo Historicismo ou “ecologia cultural” (Zapf, 2002) poderiam contribuir para uma historicização e contextualização dos fenômenos intra-literários.

2. Novas conexões entre as abordagens teóricas e objetos de estudo. Este artigo mostrou os aspectos importantes pelos quais, por exemplo, a “memória da literatura” (intertextualidade e gêneros), de um lado, e a “literatura como um *medium* da memória coletiva” de outro, se superpõem. A conexão de diferentes abordagens e métodos dentro da moldura da pesquisa sobre memória promete ser proveitosa, pois abre várias perspectivas sobre a questão em pauta.

3. Diálogo interdisciplinar. Um reconhecimento de abordagens da psicologia cognitiva, dos estudos de história ou da arte significaria não apenas um enriquecimento de questões e conceitos nos estudos literários, mas também um pré-requisito para a aplicabilidade interdisciplinar da pesquisa no campo dos estudos literários, para a “exportação” de seus conceitos e, por fim, para uma compreensão geral da literatura como um elemento constitutivo da cultura da memória.

Referências

Assmann, Aleida. “Zur Metaphorik der Erinnerung.” *Mnemosyne: Formen und Funktionen der Kulturellen Erinnerung*. Ed. Aleida Assmann & Dietrich Harth. Frankfurt am Main: Fischer, 1991, p. 13-35.

Assmann, Aleida. “Was sind kulturelle Texte?” *Literaturkanon – Medienereignis – kultureller Text: Formen interkultureller Kommunikation und Übersetzung*. Ed. Andreas Poltermann. Berlin: Erich Schmidt, 1995, p. 232-44.

Assmann, Aleida. *Erinnerungsräume: Formen und Wandlungen des kulturellen Gedächtnisses*. Munich: C.H. Beck, 1999.

Assmann, Aleida; Assmann, Jan. (ed.) *Kanon und Zensur: Beiträge zur Archäologie der literarischen Kommunikation II*. Munich: Wilhelm Fink, 1987.

Assmann, Jan. “Kollektives Gedächtnisses und kulturelle Identität.” *Kultur und Gedächtnis*. Eds. Jan Assmann e Tonio Hölscher. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988, p. 9-19.

Assmann, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis: Schrift, Erinnerung und politische Identität in frühen Hochkulturen*. Munich: C.H. Beck, 1992.

Bakhtin, Mikhail M. *Die Ästhetik des Wortes*. Ed. Rainer Gröbel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979.

Bal, Mieke; Crewe, Jonathan; Spitzer, Leo. *Acts of Memory: Cultural Recall in the Present*. Hanover, NH & London: UP of New England, 1999.

Bal, Mieke, “Introduction”. In: Bal, Mieke; Crewe, Jonathan; Spitzer, Leo. *Acts of Memory: Cultural Recall in the Present*. Hanover, NH & London: UP of New England, 1999, p.vii-xvii.

Benjamin, Walter. “Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows” *Illuminationen: Ausgewählte Schriften I*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977, p. 385-410.

- Berndt, Frauke. *Anamnesis: Studien zur Topik der Erinnerung in der erzählenden Literatur zwischen 1800 und 1900 (Moritz – Keller – Raabe)*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1999.
- Berns, Jörg Jochen; Neuber, Wolfgang. *Ars memorativa: Zur kulturgeschichtlichen Bedeutung der Gedächtniskunst 1400-1750*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1993.
- Birk, Hanne. “Das Problem des Gedächtnisses [...] drängt in die Bilder’: Metaphern des Gedächtnisses.” In: *Literatur – Erinnerung – Identität*. Ed. Erll, Gymnich & Nünning. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2005, p. 79-105.
- Birke, Dorothee; Basseler, Michael. “Mimesis des Erinnerns.” In: *Literatur – Erinnerung – Identität*. Ed. Erll, Gymnich & Nünning. Trier: Wissenschaftlicher Verlag Trier, 2005. 123-47.
- Bloom, Harold. *The Anxiety of Influence: A Theory of Poetry*. New York: Oxford UP, 1973.
- Bloom, Harold. *A Map of Misreading*. New York: Oxford UP, 1975.
- Bloom, Harold. *The Western Canon: The Books and School of the Ages*. New York: Riverhead, 1994.
- Borsò, Vittoria. “Gedächtnis und Medialität: Die Herausforderung der Alterität. Eine medienphilosophische und medienhistorische Perspektivierung des Gedächtnis-Begriffs.” *Medialität und Gedächtnis: Interdisziplinäre Beiträge zur kulturellen Verarbeitung europäischer Krisen*. Ed. Vittoria Borsò, Gerd Krumeich e Bernd Witte. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 2001, p. 23-54.
- Breuer, Dieter; Schanze Helmut (ed.) *Topik: Beiträge zu einer Interdisziplinären Diskussion*. Munich: J.B. Wilhelm Fink, 1981.
- Broich, Ulrich; Pfister, Manfred (ed.) *Intertextualität: Formen, Funktionen, anglistische Fallstudien*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1985.
- Bruner, Jerome. “The Narrative Construction of Reality.” *Critical Inquiry*, n.18, 1991, p. 1-21.
- Carruthers, Mary. *The Book of Memory’: A Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge UP, 1990.
- Casement, William. *The Great Canon Controversy: The Battle of the Books in Higher Education*. New Brunswick, NJ: Transaction, 1996.
- Curtius, Ernst Robert. *European Literature and the Latin Middle Age*. Trans. Willard Trask. 1953. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1990. [Orig: *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. 11th ed. Tübingen & Basel: A.B. Francke, 1993.]
- D’haen, Theo, ed. *Literature as Cultural Memory: Leiden, 16-22 August 1997*. Proceedings of the XVth Congress of the International Comparative Literature Association. Amsterdam: Rodopi, 2000.
- D’Hulst, Lieven; Milton, John. (ed.) *Reconstructing Cultural Memory: Translation, Scripts, Literacy: Literature as Cultural Memory 7*. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.
- Danneberg, Lutz, & Friedrich Vollhardt, ed. *Vom Umgang mit Literatur und Literaturgeschichte: Positionen und Perspektiven nach der ‘Theoriedebatte’*. Stuttgart: J.B. Metzler, 1992.
- Dockhorn, Klaus. “‘Memoria’ in der Rhetorik.” *Archiv für Begriffsgeschichte*, n. 9, 1964, p. 27-35.
- Draaisma, Douwe. *Die Metaphernmaschine: Eine Geschichte des Gedächtnisses*. Darmstadt: Primus, 1999.
- Eakin, Paul John. *How Our Lives Become Stories: Making Selves*. Ithaca, NY & London: Cornell UP,

1999.

- Eliot, T.S. “Tradition and the Individual Talent”. 1919. *Selected Prose of T.S. Eliot*. Ed. Frank Kermode. London: Faber & Faber, 1975, p. 37-44.
- Erl, Astrid. “Literatur und kulturelles Gedächtnis: Zur Begriffs- und Forschungsgeschichte, zum Leistungsvermögen und zur literaturwissenschaftlichen Relevanz eines neuen Paradigmas der Kulturwissenschaft.” *Literaturwissenschaftliches Jahrbuch*, n.43, 2002, p. 249-76.
- Erl, Astrid. *Gedächtnisromane: Literatur über den Ersten Weltkrieg als Medium englischer und deutscher Erinnerungskulturen in den 1920er Jahren*. Trier: WVT, 2003.
- Erl, Astrid; Nünning, Ansgar. “Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft: Ein Überblick.” *Literatur – Erinnerung – Identität: Theoriekonzeptionen und Fallstudien*. Ed. Astrid Erl, Marion Gymnich e Ansgar Nünning. Trier: WVT, 2003, p. 4-27.
- Erl, Astrid; Nünning, Ansgar with Haine Birk, Birgit Neumann e Patrick Schmidt (ed.) *Medien des kollektiven Gedächtnisses: Historizität – Konstruktivität – Kulturspezifität*. Berlin & New York: de Gruyter, 2004.
- Erl, Astrid; Nünning, Ansgar with Haine Birk e Birgit Neumann (ed.) *Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft: Theoretische Grundlegung und Anwendungsperspektiven*. Berlin & New York: de Gruyter, 2005.
- Ezell, Margaret J. *Writing Women’s Literary History*. Baltimore, MA: Johns Hopkins UP, 1993.
- Fluck, Winfried. *Das kulturelle Imaginäre. Eine Funktionsgeschichte des amerikanischen Romans 1790-1900*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.
- Goldmann, Stefan. “Statt Totenklage Gedächtnis: Zur Erfindung der Monemotechnik durch Simonides von Keos.” *Poetika*, n.21, 1989, p. 43-66.
- Goldmann, Stefan. “Topos und Erinnerung: Rahmenbedingungen der Autobiographie.” *Der ganze Mensch: Anthropologie und Literatur im 18. Jahrhundert*. Ed. Hans-Jürgen Schings. Stuttgart & Weimar: J.B. Metzler, 1994, p. 660-75.
- Gombrich, Ernst H. *Aby Warburg: An Intellectual Biography*. London: Warburg Institute, 1970.
- Grabes, Herbert. “Selektionsprinzipien und Literaturbegriff in der anglistischen Literaturgeschichtsschreibung.” *Germanisch-Romanische Monatschrift*, n.38, 1988, p. 3-14.
- Grabes, Herbert. (ed.) *Literary History/Cultural History: Forcefields and Tensions. REAL 17*. Tübingen: Gunter Narr, 2001.
- Grübel, Rainer. “Zur Ästhetik des Wortes bei Michail M. Bachtin.” Ed. Rainer Grübel. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1979, p.21-78.
- Haverkamp, Anselm; Lachmann, Renate (ed.) *Memoria: Vergessen und Erinnern*. Poetik und Hermeneutik XV. Munich: Wilhelm Fink, 1993.
- Hutcheon, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. London & New York: Routledge, 1988.
- Iser, Wolfgang. *Das Fiktive und das Imaginäre: Perspektiven literarischer Anthropologie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

- Jay, Gregory S. *American Literature & the Culture Wars*. Ithaca, NY: Cornell UP, 1997.
- Jehn, Peter. “Ernst Robert Curtius: Toposforschung als Restauration.” *Toposforschung Eine Dokumentation*. Ed. Peter Jehn. Frankfurt am Main: Athenäum, 1972, p. vii-lxiv.
- Kaiser, Gerhard R., & Stefan Matuschek, ed. *Begründungen und Funktionen des Kanons: Beiträge aus der Literatur – und Kunstwissenschaft, Philosophie und Theologie*. Heidelberg: Carl Winter, 2001.
- Kany, Roland. *Mnemosyne als Programm: Geschichte, Erinnerung und die Andacht zum Unbedeutenden im Werk von Usener, Warburg und Benjamin*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1987.
- Kristeva, Julia. “Wort, Dialog und Roman bei Bachtin.” *Literaturwissenschaft und Linguistik*. Vol 3. Ed. Jens Ihwe. Frankfurt am Main: Athenäum, 1972. 345-75. [Orig. Semeiotikè: Recherches pour une sémanalyse. Paris: Seuil, 1969.]
- Kühlmann, Wilhelm, & Wolfgang Neuber, ed. *Intertextualität in der Frühen Neuzeit*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 1994.
- Lachmann, Renate. *Memory and Literature: Intertextuality in Russian Modernism*. Minneapolis & London: U of Minnesota P, 1997. [Orig. *Gedächtnis und Literatur: Intertextualität in der russischen Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1990.]
- Renate Lachmann, “Kultursemiotischer Prospekt”. In: Haverkamp, A.; Lachmann, R. *Memoria: Vergessen und Erinnern* (ed). *Poetik und Hermeneutik XV*; Munique: Wilhelm Fink, 1993, p. xvii-xxvii.
- Link, Jürgen. “Literaturanalyse als Interdiskursanalyse: Am Beispiel des Ursprungs literarischer Symbolik in der Kollektivsymbolik.” *Diskurstheorien und Literaturwissenschaft*. Ed. Jürgen Fohrmann & Harro Müller. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.
- Löschnigg, Martin. “‘The Prismatic Hues of Memory...’: Autobiographische Modellierung und die Rhetorik der Erinnerung in Dickens’ *David Copperfield*.” *Poetica*, n. 31, 1-2, 1999, p. 175-200.
- Martinez, Matías. “Dialogizität, Intertextualität, Gedächtnis.” *Grundzüge der Literaturwissenschaft*. Ed. Heinz Ludwig Arnold & Heinrich Detering Munich: dtv, 1996, p. 430-45.
- Nalbantian, Suzanne. *Memory in Literature: From Rousseau to Neuroscience*. Basingstoke & New York: Palgrave Macmillan, 2003.
- Nora, Pierre. *Les lieux de mémoire*. 1984. Paris: Gallimard, 1992.
- Nünning, Ansgar. *Von historischer Fiktion zu historiographischer Metafiktion*, vol 1.: *Theorie, Typologie und Poetik des historischen Romans*. Trier: WVT, 1995.
- Nünning, Ansgar. “Kanonisierung, Periodisierung und der Konstruktcharakter von Literaturgeschichten: Grundbegriff und Prämissen theoriegeleiteter Literaturgeschichtsschreibung.” *Eine andere Geschichte der englischen Literatur: Epochen, Gattungen und Teilgebiete im Überblick*. Ed. Ansgar Nünning. Trier: WVT, 1996, p. 1-24.
- Nünning, Ansgar. “On the Englishness of English Literary Histories: Where Literature, Philosophy and Nationalism Meet Cultural History.” *Critical Interfaces: Contributions on Philosophy, Literary Theory and Culture in Honour of Herbert Grabes*. Ed. Gordon Collier, Klaus Schwank & Franz Wieselhuber. Trier: WVT, 2001, p.55-83.
- Nünning, Ansgar. (ed.) *Fictions of Memory. Journal for the Study of British Cultures*, n. 10.1, 2003.

Öhlschläger, Claudia, & Birgit Wiens, ed. *Körper – Gedächtnis – Schrift: Der Körper als Medium kultureller Erinnerung*. Berlin: Erich Schmidt, 1997.

Ohly, Friedrich. “Bemerkungen eines Philologen zur Memoria.” *Memoria: Der geschichtliche Zeugniswert liturgischen Gedenkens in Mittelalter*. Ed. Karl Schmid e Joachim Wollasch. Munich: Wilhelm Fink, 1984, p. 9-68.

Pethes, Nicolas. *Mnemographie: Poetiken der Erinnerung und Destruktion nach Walter Benjamin*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1999.

Pethes, Nicolas; Jens Ruchatz, ed. *Gedächtnis und Erinnerung: Ein interdisziplinäres Lexikon*. Reinbek bei Hamburg: Rowohlt, 2001.

Polkinghorne, Donald E. “Narrative Psychologie und Geschichtsbewusstsein. Beziehungen und Perspektiven.” *Erzählung, Identität und historisches Bewusstsein: Die Psychologische Konstruktion von Zeit und Geschichte*. Ed. Jürgen Straub. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1998, p. 12-45.

Ricoeur, Paul. *Time and Narrative*. Chicago & London: University of Chicago Press, 1984.

Schabert, Ina. *Englische Literaturgeschichte: Eine neue Darstellung aus der Sicht der Geschlechterforschung*. Stuttgart: Alfred Kröner, 1997.

Schacter, Daniel L. *Searching for Memory: The Brain, the Mind and the Past*. New York: Basic Books, 1996.

Scheidung, Oliver. “Intertextualität.” “Gedächtniskonzepte der Literaturwissenschaft: Ein Überblick.” *Literatur – Erinnerung – Identität: Theoriekonzeptionen und Fallstudien*. Ed. Astrid Erll, Marion Gymnich & Ansgar Nünning. Trier: WVT, 2003, p. 53-73.

Schmidt, Siegfried J. *Gedächtnis: Problem und Perspektiven der interdisziplinären Gedächtnisforschung*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1991.

Schmidt, Siegfried J. *Kalte Faszination: Medien, Kultur, Wissenschaft in der Mediengesellschaft*. Weilerswist: Velbrück, 2000.

Seixo, Maria Alziro, ed. *Travel Writing and Cultural Memory*. Literature as Cultural Memory 9. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.

van Gorp, Hendrik; Ulla Mussara-Schroeder, ed. *Genres as Repositories of Cultural Memory*. Literature as Cultural Memory 5. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.

Vobkamp, Wilhelm. “Theorien und Probleme gegenwärtiger Literaturgeschichtsschreibung.” *Literaturgeschichtsschreibung in Italien und Deutschland: Traditionen und aktuelle Probleme*. Ed. Frank Baasner. Tübingen. Carl Niemeyer, 1989, p. 166-74.

Wägenbaur, Thomas, ed. *The Poetics of Memory*. Tübingen: Stauffenburg, 1998.

Wagner-Egelhaaf, Martina. *Autobiographie*. Stuttgart. J.B. Metzler, 2000.

Warburg, Aby. *Ausgewählte Schriften und Würdigungen*. Ed. Dieter Wuttke. Baden-Baden: Koerner, 1979.

Warburg, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne*. Ed. Martin Warnke. Berlin: Akademie, 2000.

Weinrich, Harald. “Typen der Gedächtnismethaphorik.” *Archiv für Begriffsgeschichte* (1964), p. 23-26.

Welzer, Harald. *Das kommunikative Gedächtnis: Eine Theorie der Erinnerung*. Munich: C.H. Beck, 2002.

Wesseling, Elisabeth. *Writing History as a Prophet: Postmodernist Innovations of the Historical Novel*. Amsterdam & Philadelphia, PA: John Benjamins, 1991.

White, Hayden. *Metahistory: The Historical Imagination of Nineteenth-Century Europe*. Baltimore, MD & London: Johns Hopkins UP, 1973.

Wolf, Philipp. *Modernization and the Crisis of Memory: John Donne to Don DeLillo*. Amsterdam & New York: Rodopi, 2002.

Yates, Francis. *The Art of Memory*. London: Routledge, 1966.

Zapf, Hubert. *Literatur als kulturelle Ökologie: Zur kulturellen Funktion imaginative Texte an Beispielen des amerikanischen Romans*. Tübingen: Carl Niemeyer, 2002.

LITERATURA SUPLEMENTAR

Butzer, Günter. *Fehlende Trauer: Verfahren epischen Erinnerns in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*. Munich: Wilhelm Fink, 1998.

D’haen, Theo, & Patricia Krüs, ed. *Colonizer and Colonized. Literature as Cultural Memory 2*. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.

Dehne, Corinna. *Der “Gedächtnisort” Roman: Zur Literarisierung von Familiengedächtnis und Zeitgeschichte im Werk Jean Rouauds*. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

Düsing, Wolfgang. *Erinnerung und Identität: Untersuchungen zu einem Erzählproblem bei Musil, Döblin und Doderer*. Munich: Wilhelm Fink, 1982.

Erll, Astrid. “‘Mit Dickens spazieren gehen’: Kollektives Gedächtnis und Fiktion.” *Kontexte und Kulturen des Erinnerns: Maurice Halbwachs und das Paradigma des kollektiven Gedächtnisses*. Ed. Gerald Echterhoff & Martin Saar. Konstanz: UVK, 2002. 253-65.

Erll, Astrid. “Kollektives Gedächtnis und Erinnerungskulturen.” *Konzepte der Kulturwissenschaften: Theoretische Grundlagen – Ansätze – Perspektiven*. Ed. Vera Nünig & Ansgar Nünig. Stuttgart: J.B. Metzler, 2003, p.156-85.

Erll, Astrid. *Gedächtnisromane: Literatur über den Ersten Weltkrieg als Medium englischer und deutscher Erinnerungskulturen in den 1920er Jahren*. Trier: WVT, 2003.

Erll, Astrid. “The Great War Remembered. The Rhetoric of Collective Memory in Ford Madox Ford’s *Parade’s End* and Arnold Zweig’s *Der Streit um den Sergeanten Grischa*.” *Fictions of Memory*. Ed. Ansgar Nünig. *Journal for the Study of British Cultures* 10.1 (2003), p 49-75.

Erll, Astrid. “Reading Literature as Collective Texts: German and English War Novels of the 1920s

- as Media of Cultural and Communicative Memory.” *Anglistentag München 2003: Proceedings*. Ed. Christoph Bode & Hans Sauer. Trier: WVT, 2004, p. 335-53.
- Erl, Astrid, Marion Gymnich & Ansgar Nünning, ed. *Literatur – Erinnerung – Identität: Theoriekonzeptionen und Fallstudien*. Trier: WVT, 2003.
- Glomb, Stefan. *Erinnerung und Identität im britischen Gegenwartsdrama*. Tübingen: Gunter Naar, 1997.
- Haverkamp, Anselm. “Die Gerechtigkeit der Texte: Memoria: eine ‘anthropologische Konstante’ im Erkenntnisinteresse der Literaturwissenschaften?” *Memoria: Vergessen und Erinnern*. Ed. Haverkamp & Lachmann. Munich: Fink, 1993, p. 17-27.
- Ibsch, Elrud, ed., with Douwe Fokkema & Joachim von der Thüsen. *The Conscience of Humankind: Literature and Traumatic Experiences. Literature as Cultural Memory 3*. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.
- Koch, Manfred. *Mnemotechnik des Schönen: Studien zur poetischen Erinnerung in Romantik und Symbolismus*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1988.
- Kurz, Gerhard (ed.) *Lyrik und Erinnerung*. Special issue of *Sprache und Literatur in Wissenschaft und Unterricht*, n.83, 1999.
- Kurz, Gerhard (ed.) *Meditation und Erinnerung in der Frühen Neuzeit*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2000.
- Meng, Hua; Hirakawa, Sukehiro (ed.) *Images of Westerners in Chinese and Japanese Literature. Literature as Cultural Memory 10*. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.
- Neubauer, John; Geyer-Ryan, Helga (ed.) *Gendered Memories. Literature as Cultural Memory 4*. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.
- Nora, Pierre. “Die Staatsmemoiren von Commynes bis de Gaulle” (1990). *Zwischen Geschichte und Gedächtnis*. Frankfurt am Main: Fischer, 1998, p. 96-137.
- Nünning, Ansgar. “Literatur, Mehrlichkeiten und kulturelles Gedächtnis: Grundrib, Leitbegriffe und Perspektiven einer anglistischen Kulturwissenschaft.” *Literaturwissenschaftliche Theorien, Modelle und Methoden: Eine Einführung*. Ed. Ansgar Nünning. Trier: WVT, 1995, p. 173-97.
- Peil, Dietmar, Michael Schilling & Petra Stronhschneider, ed. *Erkennen und Erinnern in Kunst und Literatur*. Tübingen: Carl Niemeyer, 1998.
- Rist, Katharina. *Gedächtnisräume als literarische Phänomene in den Kurzgeschichten von Elizabeth Bowen*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1999.
- Rüsen, Jörn. *Historische Orientierung: Über die Arbeit des Geschichtsbewusstseins, sich in der Zeit zurechtzufinden*. Cologne: Böhlau, 1994.
- Siegmund, Gerald. *Theater als Gedächtnis: Semiotische und psychoanalytische Untersuchungen zur Funktion des Dramas*. Tübingen: Gunter Narr, 1996.
- van Gorp, Hendrik, and Ulla Mussara-Schroeder. “Introduction: Literary Genres and Cultural Memory.” *Genres as Repositories of Cultural Memory*. Ed. van Gorp and Mussara-Schroeder. Literature as Cultural Memory 5. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000, p.i-ix.

Vervliet, Raymond, and Annemarie Estor, ed. *Methods for the Study of Literature as Cultural Memory*. Literature as Cultural Memory 6. Amsterdam & Atlanta, GA: Rodopi, 2000.

Weigel, Sigrid. *Bilder des kulturellen Gedächtnisses: Beiträge zur Gegenwartsliteratur*. Dülmen-Hiddingest: tende, 1994.

Weinrich, Harald. *“Lethe”: Kunst und Kritik des Vergessens*. Munich: C.H. Beck, 1997.